

A ARTE RUPESTRE NA AMAZÔNIA E NO PIAUÍ: UM ESTUDO COMPARATIVO

THE ROCK ART IN THE AMAZON AND PIAUÍ: A COMPARATIVE STUDY

EL ARTE RUPESTRE EN LA AMAZONÍA Y EN PIAUÍ: UN ESTUDIO COMPARATIVO

Gabriel Frechiani de Oliveira¹

Artemis de Araujo Soares²

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade realizar um estudo comparativo entre a arte rupestre amazônica e a arte rupestre do Parque Nacional Serra da Capivara, no estado do Piauí, visando identificar similaridades e diferenças entre os sistemas simbólicos e a apresentação gráfica. A principal justificativa para o estudo da arte rupestre na região amazônica é o fato de constituir uma rica expressão simbólica, que reflete a diversidade sociocultural das comunidades que habitaram essa região. Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa e da utilização de métodos de análise bibliográfica e documental, com vistas a investigar os sistemas simbólicos e as manifestações socioculturais presentes na arte rupestre das áreas da Amazônia e da Serra da Capivara.

Palavras-chave: Arte rupestre na Amazônia. Arte rupestre no Piauí. Arqueologia.

ABSTRACT: This paper aims to conduct a comparative study between Amazonian rock art and the rock art of the Serra da Capivara National Park, in the state of Piauí, aiming to identify similarities and differences between the symbolic systems and graphic presentation. The main justification for studying rock art in the Amazon region is the fact that it constitutes a rich symbolic expression that reflects the sociocultural diversity of the communities that inhabited this region. This research was carried out using a qualitative approach and bibliographic and documentary analysis methods, in order to investigate the symbolic systems and sociocultural manifestations present in the rock art of the Amazon and Serra da Capivara areas.

Keywords: Rock art in the Amazon. Rock art in Piauí. Archaeology.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como finalidad realizar un estudio comparativo entre el arte rupestre amazónico y el arte rupestre del Parque Nacional Serra da Capivara, en el estado de Piauí, con el objetivo de identificar similitudes y diferencias entre los sistemas simbólicos y la representación gráfica. La principal justificación para el estudio del arte rupestre en la región amazónica es el hecho de que constituye una rica expresión simbólica que refleja la diversidad sociocultural de las comunidades que habitaron dicha región. Esta investigación se llevó a cabo mediante un enfoque cualitativo y la utilización de métodos de análisis bibliográfico y documental, con el fin de investigar los sistemas simbólicos y las manifestaciones socioculturales presentes en el arte rupestre de las áreas de la Amazonía y de la Serra da Capivara.

Palabras clave: Arte rupestre en la Amazonía. Arte rupestre en Piauí. Arqueología.

¹Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Arqueologia. Secretaria de Estado da Educação do Piauí.

²Doutorado em CIENCIAS DO DESPORTO, pela Universidade do Porto. Professora do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Universidade Federal do Amazonas.

INTRODUÇÃO

A arte rupestre na região amazônica é uma rica expressão cultural e simbólica que reflete a diversidade sociocultural das comunidades que habitaram e habitam essa vasta área. (AZEVEDO, 2010) A relação entre os sistemas simbólicos e as manifestações socioculturais presentes na arte rupestre pode ser entendida através de diversos aspectos, possuindo justificativas importantes para a sua preservação dentro do contexto da Amazônia.

As manifestações artísticas do gênero hominídeo estão relacionadas com seu desenvolvimento físico e mental (expansão da consciência e estímulos à imaginação), à medida que se desenvolvem no sentido de adaptarem-se ao ambiente e às mudanças climáticas no mundo (LEWIN, 1999).

Esse desenvolvimento não apareceu apenas no campo da produção de ferramentas, mas também no campo das ideias artísticas. O ato de pintar, gravar e esculpir na rocha demonstra um intuito de transmitir ou depositar uma informação e/ou mesmo ser uma atividade lúdica para aguçar as habilidades manuais. Seu principal diferencial consistia no ato de denotar valores aos símbolos, imprimindo nas rochas sua perspectiva acerca do mundo e seu cotidiano (LEROI-GOURHAN, 1964; PINKER, 2001; MARTINEZ, 2014).

A arte é uma forma de externar essa memória coletiva, registrar os acontecimentos cotidianos de uma sociedade e/ou tentar uma ligação com o sobrenatural, arte é uma forma de expressão e comunicação, uma forma de abstração e demonstração do desenvolvimento cognitivo dos seres humanos, que são influenciados por fatores biológicos, de equilíbrio das ações, fatores sociais de coordenação interindividual e fatores de transmissão educativa e cultural (HAUSER, 1984).

Os dois modos que possibilitariam realizar uma análise das obras de arte em geral são:
1) através de um viés estético, onde é analisada a partir de padrões de forma, harmonia e técnica;
2) um viés de comunicação, a partir de uma análise semiótica da imagem, buscando significados (LAYTON, 2001 B).

A principal dificuldade de analisar as artes pré-históricas é tentar compreender o seu significado dentro de um contexto arqueológico, a perspectiva estética pode fornecer informações acerca de seu design e de sua formatação, mas apenas pelo uso da semiótica podemos buscar uma interpretação e denotar um valor ou significado (LAYTON, 2001 A).

MÉTODOS

O primeiro documento histórico, no Brasil, que relata a presença de gravuras rupestres está contido na Nova Gazeta Alemã, de 1511, onde afirma ter encontrado as pegadas de São Tomé no Brasil (SCHÜLLER, 1915). Essa lenda de São Tomé reforçou a ideia da catequização dos indígenas brasileiros, o padre Manuel de Nóbrega (1517-1570) faz menção às “pisadas figuradas” em uma rocha na obra Cartas do Brasil, atribuída a São Tomé (CORREIA, 1992).

Dentro da literatura dos grupos indígenas sul-americanos encontram-se referências dessas práticas, que estão contidos nos seus mitos cosmogônicos e antropogônicos, como na tribo Tapirapé, cujos integrantes são designados como médicos-feiticeiros e são capazes de realizar intervenções sobrenaturais (SCHADEN, 1959,1969; BALDUS, 1979; WAGLEY, 1976); os médicos-feiticeiros entre os índios Krahó são outro exemplo da prática do xamanismo (SCHULTZ, 1976 A; 1976 B); a religião dos Terêna, no estado de Mato Grosso, também apresenta características da prática xamânica (SILVA, 1976); os Tampi-táua também recorrem a práticas xamânicas (BALDUS, 1976; 1969); os parakañas, no estado do Pará, também recorrem a esse tipo de prática religiosa, demonstrando uma extensa recorrência nas tribos indígenas brasileiras (FAUSTO, 2001).

O naturalista Alexander Von Humboldt (1768-1859) fez uma expedição no continente americano, citando a presença de pinturas e gravuras rupestres na região do rio Orinoco na Amazônia e na Guiana, com desenhos de animais, sóis, jaguares e crocodilos (HUMBOLDT, 1971).

Os naturalistas europeus Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) e Johann Baptist Von Spix (1781-1826) realizaram pesquisas acadêmicas entre 1817 e 1821, no Brasil, compilando uma série de informações de cunho zoológico, botânico e etnográfico, citando a presença de grafismos rupestres na Serra do Anastácio, no interior do sertão da Bahia, e gravuras rupestres nas margens do rio Japurá, na região da Amazônia, com desenhos de rostos humanos e cenas de movimento (MARTIUS; SPIX, 1979, vol. II e III).

Luís Agassiz (1807-1873) citou o registro de pinturas corporais dos índios mundurucus na província do Amazonas, descrevendo as origens mitológicas de seus motivos corporais e ressaltando sua importância, por fim, abordando o modo de realização das pinturas corporais (AGASSIZ; AGASSIZ, 1975). José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) foi um explorador militar da região centro-oeste do Brasil na segunda metade do século XIX, citou a existência da cultura material Marajoara na Ilha de Marajó, no Pará (MAGALHÃES, 1975).

Magalhães (1975) fez anotações e inferências acerca dos costumes dos indígenas e comparou as civilizações ameríndias no Peru, considerando nossos nativos em grau de desenvolvimento inferior em relação a eles. O padre João de Sotto Mayor encontrou vestígios de gravuras rupestres no rio Pacajá, no estado do Pará, em 1658 (PEREIRA, 1996).

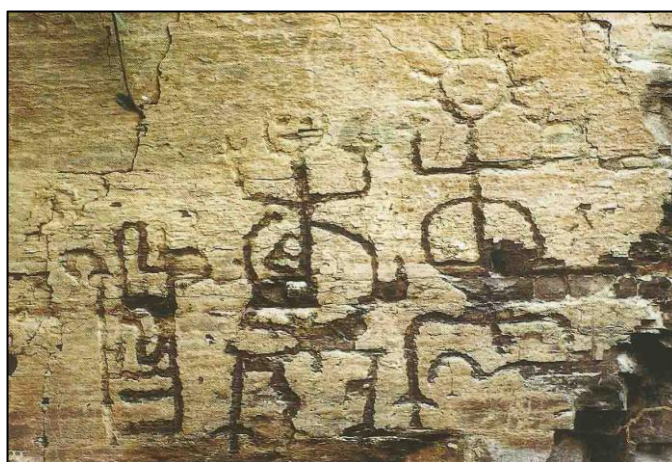
Dentro do contexto da região norte do Brasil e países vizinhos, a presença de gravuras rupestres na região é relatada desde o século XVIII na Guiana Inglesa (atual Guiana), associada a vestígios de rochas manufaturadas, também encontradas em *Puerto Cabello*, São Estevão na Venezuela, na área de Boruca na Costa Rica, na região da Guiana Francesa nas margens dos rios como Oiapoque (FRANCH, 1991).

No decorrer do século XIX, relatos de João Daniel, do capitão-mor Antônio Pires de Campos Bueno e do naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) denotam a existência de pinturas e gravuras rupestres na região norte do Brasil, conjuntamente, o geólogo inglês Charles Frederick Hartt (1840-1878) redigiu um artigo acerca de inscrições rupestres na província do Amazonas (HETZEL; NEGREIROS, 2007; PEREIRA, 2003).

Dentro desse contexto, Alfred Russel Wallace (1823-1913) afirmou a existência de pinturas e gravuras rupestres em Monte Alegre, no Pará, e em locais como nas cachoeiras de Tipiaca, Tucano, Tucunaré, Uaracu-Pinima e Taiacho, na região norte do Brasil, tentando fornecer uma explicação lógica e o significado das pinturas e gravuras rupestres (WALLACE, 1979) (ver figura 1).

4

Figura 1. Gravuras rupestres na Cachoeira da Muíra, Monte Alegre, Pará



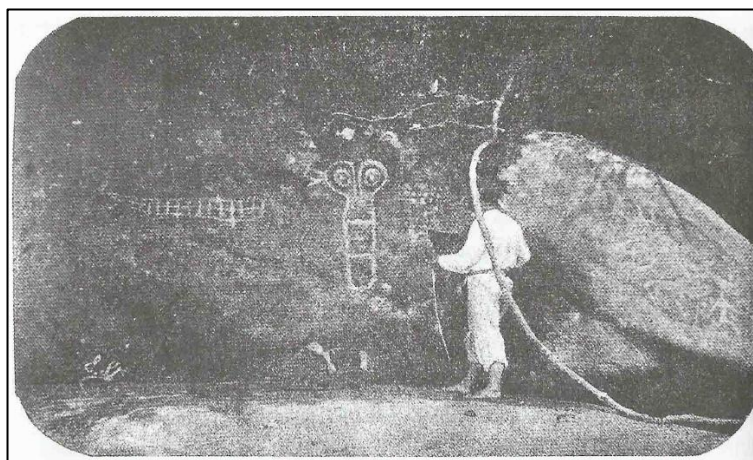
Fonte: PEREIRA, 2012, p.121.

Henry Walter Bates (1825-1892), colega de viagem de Alfred Wallace na expedição pelo norte do Brasil, citou uma cerimônia religiosa entre os índios Tucanos, onde abordou as etapas de preparação do ritual e a ingestão de bebidas alucinógenas, que lhes forneciam poderes sobrenaturais (BATES, 1979).

Também, o naturalista francês Henri Anatole Coudreau (1859-1899) foi contratado pelo governo da província do Pará para explorar o interior do estado e registrar informações etnográficas importantes sobre os principais locais. Coudreau (1977 A) faz uma descrição acerca dos registros de pinturas e gravuras rupestres em Arencre, Cantagalo e na margem esquerda do rio Tapajós e do rio Orinoco. Também Coudreau (1977 A) cita a prática de pinturas corporais dos índios mundurucus, que consideravam como uma forma uniforme corporal, contendo desenhos de vários tipos e motivos em seus corpos. Coudreau (1977 B; 1980) descreveu gravuras rupestres encontradas nas cachoeiras do Itamaracá e Tapaiúna, onde tentou identificar as formas desenhadas no painel rochoso e fez alusão às letras A e T, sendo interessante postular uma antiguidade para essas gravuras, e tentou identificar a forma de confecção dos desenhos na rocha, provavelmente a partir de uma ponta de granito.

O conde italiano Ermanno Stradelli (1852-1926) realizou expedições etnográficas no estado do Amazonas na segunda metade do século, relatando a existência de gravuras e pinturas nas desembocaduras dos rios Apapury e Blanco, nas margens dos rios Negro e Solimões e próximo da vila de Moura (STRADELLI, 2009) (ver figura 2).

Figura 2. Inscrições rupestres citadas por Ermanno Stradelli em Macaca Sapecuma, Amazônia.



Fonte: STRADELLI, 2009, p.363.

O barão de Santa-Anna Nery (1848-1901) publicou o livro “O País das Amazonas” em 1884, no qual aborda a história, a natureza, os costumes indígenas e dos habitantes da região, onde cita a presença de traçados hieroglíficos atribuídos aos primitivos habitantes do local, em Itacoatiara (pedra pintada) na margem oriental do rio Madeira (NERI, 1979).

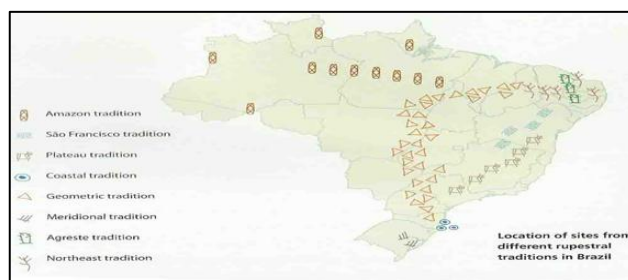
O ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt (1858-1919) conduziu uma expedição naturalista pela América do Sul, passando pelo Brasil acompanhado do Coronel Rondon, Capitão Amilcar, Tenente Lira, Tenente Mello, Tenente Laureado e Dr. Cajazeiras do exército brasileiro, percorrendo os rios Amazonas, Tapajós, Madeirinha (atualmente Teodoro) e Ji-Paraná, citando a existência de gravuras rupestres nas margens de um rio durante sua viagem no estado do Mato Grosso (ROOSEVELT, 1943).

Os estudos da arte rupestre, na Amazônia, apresentam uma diversidade de manifestações socioculturais, seja em forma de gravuras, pinturas e petróglifos, apontando para o estudo das representações, que permite inferir a respeito das culturas daquelas sociedades (PROUS, 2007, PEREIRA, 2003, SCHAAAN, 2008). Valle (2012) aborda a multiplicidade de interpretações, no campo da gravura rupestre, em consonância com outros trabalhos, no mesmo segmento.

A construção de um arcabouço teórico e metodológico e uso de categorias abstratas como tradição, subtradição e estilo contribuíram para o avanço dos estudos de arte rupestre, mas o significado dos termos pode variar de pesquisador para pesquisador, de perspectiva teórica para perspectiva teórica ou de região para região, ver o mapa 1 (NETTO, 2001; REIS, 2010).

Grande parte desse referencial teórico é importada de outros países, como França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, logo, a tradução de termos e sua aplicação estão implicadas dentro do seu contexto, podendo desvirtuar o significado e a relação das terminologias adotadas (NETTO, 2001; SCHMITZ, 2010).

Mapa 1. Distribuição das principais tradições rupestres no Brasil.



Fonte: HETZEL, NEGREIROS, 2007, p.66.

A arte rupestre na região da Amazônia foi abordada pelos exploradores, nos séculos XIX e XX, a sua sistematização pelos pesquisadores André Prous e Edithe Pereira, que culminou na elaboração da Tradição Amazônica ou Grande Tradição Amazônica.

Ela caracteriza-se por grafismos de antropomorfos, em geral destacando a face em detrimento do corpo e apresentando pequenas movimentações e grafismos de difícil reconhecimento, contendo uma alta carga abstrativa na região amazônica, sendo descrita inicialmente em profundidade por André Prous e Edithe Pereira (PROUS, 1992; PEREIRA, 1996, 2003, 2012) (ver figuras 3 e 4).

Figura 3. Pintura rupestre da tradição Amazônica, Sítio Serra da Lua, Monte Alegre, Pará.



Fonte: PEREIRA, 2012.

Figura 4: Gravura da Tradição Amazônica, Sítio Ponta do Cipó, montanha do São Roque



Fonte: PEREIRA, 2003.

Na região Amazônica, também, há presença de geoglifos que são figuras terrestres caracterizadas por marcas antrópicas feitas em grandes extensões de terreno, que usualmente aparecem em forma de representações animais, círculos, quadrados, retângulos ou linhas que podem ser vistas à distância do solo (WHITLEY, 2005).

No Brasil, os geoglifos são encontrados no estado do Acre, em vários sítios arqueológicos, sendo designados como sítios monumentais. Os principais motivos rupestres apresentam-se com os formatos de círculos, quadrados completos e incompletos, losango (RANZI; AGUIAR, 2008) (ver figuras 5 e 6).

Figura 5: Geoglifos, sítio AC-IQ-23, fazenda Atlântica, Acre.



Fonte: Charles Mann.

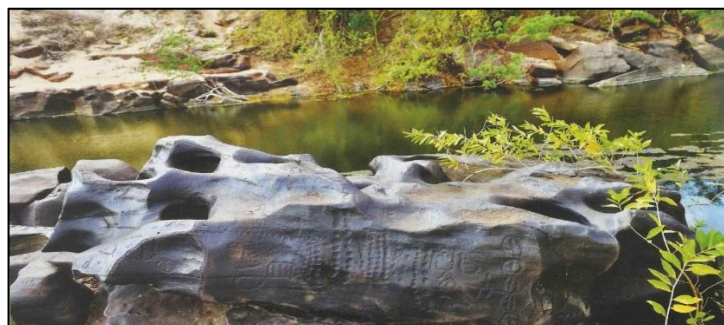
Figura 6: Geoglifos, sítio AC-IQ-13, fazenda Colorada, Acre.



Fonte: Sanna Saunalouma

Os registros mais antigos acerca da arte rupestre no Estado do Piauí remontam ao período colonial, estando contidos no “diário de Antônio do Rego Castelo Branco sobre a entrada de 1799”, onde o autor cita o relato de soldados que viram pinturas de figuras de pássaros, onças e rato no paredão rochoso na proximidade do município de Caracol (OLIVEIRA A, 2007). Outro relato é do antropólogo norte-americano J. Whitfield, que cita a existência de inscrições em pedras encontradas entre a Serra da Ibiapaba e Serra da Merioca, entre os estados do Piauí e Ceará em 1865 (KOCH-GRÜNBERG, 2010) (ver figura 7).

Figura 7: Gravuras rupestres nas margens do rio Poti – Buriti dos Montes –PI.



Fonte: AZEVEDO, 2013, p.116.

Os primeiros residentes da região do Parque Nacional Serra da Capivara chegaram ao local há cerca de 100 mil anos. Eram, possivelmente, grupos de baixa densidade populacional que tinham a caça e a coleta como formas de sobrevivência, utilizando rotas migratórias ainda não totalmente identificadas e que geram muitas controvérsias no meio arqueológico (OLIVEIRA B, 2007).

Na Tradição Geométrica de pinturas, as principais características são grafismos em linha, círculos concêntricos, retângulos, labirintos, flechas, quadrados, grafismos astronômicos e marcas de pegadas de pássaros, com a coloração amarela, escura, branca e vermelha. Essa tradição é denominada de hipotética e duvidosa por Martin (2008) (ver figuras 8 e 9). Ela está presente em vários estados da região do Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil, sendo de difícil análise devido ao caráter abstrato de seus grafismos, descritos pela arqueóloga Niède Guidon e outros pesquisadores (SCHMITZ, 1981; GUIDON, 1991, PROUS, 1992; 2007 A).

9

Figura 8. Pintura da tradição Geométrica, Parque Nacional Sete Cidades - PI.



Fonte: Do autor, 2012.

Dentro do contexto Parque Nacional Serra da Capivara, foi classificada em três estilos³:

a) Olho d'água: esse estilo foi descrito por Laurence Ogel-Ross por possuir grafismos puros, raros grafismos de composição e traços mal elaborados, numerosas impressões naturalistas de mãos humanas encontrados em único sítio; b) estilo Bom Jesus, composto de grafismos puros com intrusão de outros estilos nos painéis rupestres dos sítios, como Toca da Pedra Solta do Bom Jesus, Toca das Letras e Toca do Boqueirão do Saco I, também descrito por Laurence Ogel-Ross; c) estilo Gameleirinha, encontrado em único sítio na Toca Gameleirinha, composto de grafismos puros e intrusão dos estilos Olho d'água e Bom Jesus (ver figura 9).

Figura 9. Pintura da tradição Geométrica, Parque Nacional Sete Cidades - PI.



Fonte: Do autor, 2012.

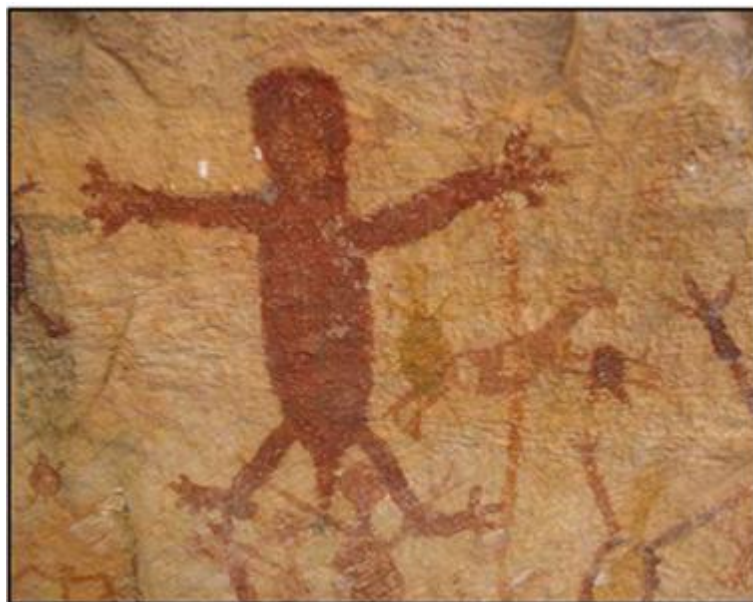
A Tradição Agreste de pinturas rupestres está localizada nos estados da Paraíba, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e várias partes da região Nordeste, provável origem

³ Guidon (1983 B) classificou como uma subtradição, a posterior, foi reclassificada como estilo por Martin (2008) em decorrência dos elementos necessários para atender os requisitos e necessários, especialmente, o escopo de sítios arqueológicos.

no estado de Pernambuco, suas principais características são: ausência de traçado de contorno com preenchimento, o uso de técnicas menos elaboradas (simples) e menor diversidade temática, grafismos de maior dimensão vertical e horizontal, perspectiva estática, sem formação de cenas, “(...) não possuíam aprimorada técnica gráfica, ignoravam os procedimentos de preparação das tintas e a técnica de contorno” e classificada inicialmente como tradição Castelo (PESSIS, 1999, p.70; GUIDON; LAGE, 2003; MARTIN; VIDAL, 2014).

Na região do PNSC foram descritos os estilos: a) Serra do Tapuio, caracterizado pela presença de grandes antropomorfos com vestimenta de roupas, ausência de movimento nos grafismos, má qualidade e imprecisão na execução das figuras, o uso da coloração vermelha, o preenchimento e uso da tinta lisa; b) Extrema, caracterizado por um traçado mal elaborado, ausência de movimento, preenchimento das figuras e a presença de grafismos de zoomorfos e grafismos puros; c) estilo Gerais⁴, caracterizado pelo uso do contorno, reproduções de impressões naturalistas como as mãos e sendo vermelha a cor dominante, raramente existindo figuras pretas (GUIDON, 1985 B; MARTIN, 2008) (ver figura 10).

Figura 10. Pintura rupestre da tradição Agreste. Sítio Toca da Extrema II, no PNSC.



Fonte: BUCO, 2012.

⁴ Estilo Gerais era anteriormente classificado como tradição Gerais, depois foi incluída como um segmento estilístico da tradição Agreste por Guidon (1991).

A Tradição Nordeste é predominantemente formada por temáticas de figuras de antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos com um fácil reconhecimento visual e temático, como cenas de caça, dança, cerimônias religiosas e cenas sexuais, abrange os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Paraíba, Piauí e norte de Minas Gerais, sendo elaborada a partir dos trabalhos das pesquisadoras Niède Guidon, Silvia Maranca, Anne-Marie Pessis, Susana Monzon, Laurence Ogel-Ross e Bernadette Arnaud, tendo provável origem no estado do Piauí (MONZON, 1978; GUIDON, 1991; PESSIS, 1999; GUIDON; LAGE, 2003; MARTIN, 2008; MARTIN; VIDAL, 2014).

As principais subtradições da Tradição Nordeste são: Salitre⁵ e Várzea Grande⁶ (ver as figuras 11 e 12), localizadas no PNSC; subtradição Seridó, que abrange uma região entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba; Subtradição Central, localizada no sertão da Bahia e Chapada Diamantina; existindo também na região norte do estado de Minas Gerais (MARTIN, 1984, 2008; SCHMITZ ET AL, 1997 A; SCHMITZ ET AL, 1997 B; PROUS, 2007 A; AZEVEDO, 2010).

Figura 11: Toca do Boqueirão da Pedra Furada– PNSC, Serra da Capivara, Piauí.

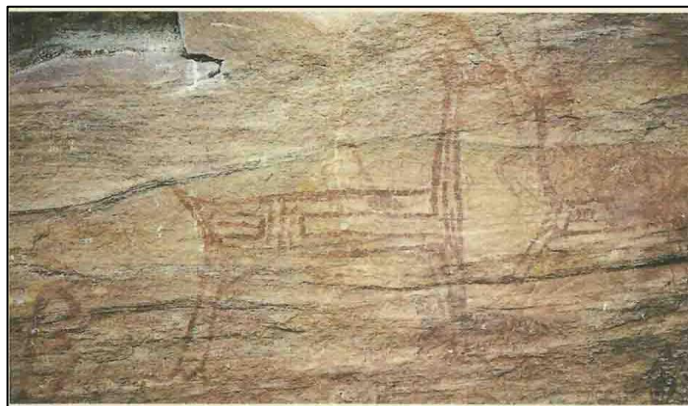


Fonte: GUIDON, 1991.

⁵ Subtradição Salitre: “(...) é caracterizada pela presença de grafismos de composição (figuras de antropomorfos, zoomorfos, de ação geralmente de cenas) e de grafismos puros (PESSIS, 1992). Estes últimos, que geralmente designamos ‘sinais’ ou ‘figuras geométricas’, são minoritários. As figuras antropomorfas e zoomorfas distribuem-se equitativamente e formam um conjunto numericamente superior àquele das representações de objetos e de figuras fitomorfos. Os grafismos de ação são muito numerosos” (OGEL-ROSS, 1985, p.147-148).

⁶ É composta por três estilos: Serra da Capivara, Complexo estilístico Serra Talhada e Serra Branca (GUIDON, 1991).

Figura 12: Toca do Vento– PNSC, Serra da Capivara, Piauí.



Fonte: Guidon, 1991.

A Tradição Itacoatiara de Oeste, de gravuras, está situada em locais próximos da água, a Toca do Buraco do Pajeú e o Caldeirão do Deolindo no Parque Nacional Serra da Capivara são exemplos desta tradição e se estendendo até países como a Bolívia. Ela é caracterizada por grafismos puros e formas de biomorfos, de difícil identificação e reconhecimento, estando relacionada a grupos caçadores-coletores e existindo uma datação de 12 mil anos atrás no estado do Mato Grosso (GUIDON, 1983 B; ARAÚJO ET AL, 1998) (ver a figura 13)

13

Figura 13: Gravuras rupestres, Tradição Itacoatiara do Oeste – Riacho Santana –PNSC Serra da Capivara, Piauí.



Fonte: GUIDON, 1991.

A Tradição Itacoatiara de Leste, de gravura, está presente predominantemente na região Nordeste com uma cronologia relativa de 8 a 7 mil anos atrás (GUIDON, 1991; 2006). O principal monumento desta tradição de gravuras é a Pedra Lavrada do Ingá, localizada na cidade

do Ingá, na Paraíba, onde foi identificada a subtradição Ingá a partir da análise de 19 sítios arqueológicos encontrados na região (SANTOS, 2015) (ver figura 14).

Figura 14. Gravuras rupestres, Tradição Itacoatiara do Leste – Riacho Santana –PNSC Serra da Capivara, Piauí



Fonte: GUIDON, 1991.

RESULTADOS

As principais diferenças entre a arte rupestre amazônica e no Piauí podem ser sistematizadas, nas seguintes categorias, ver a tabela 1:

14

Tabela 1. As principais diferenças entre as tradições rupestres na Amazônia e no Piauí

Manifestações rupestres	Tradição Amazônica (Grande Tradição Amazônica)	Tradições Nordeste, Agreste e Geométrica
As principais características	Grafismos de antropomorfos, destacando a face em detrimento do corpo; pequenas movimentações; grafismos de difícil reconhecimento; alta carga abstrativa, ideomorfo. Dimensões verticais reduzidas, em comparação a tradição Nordeste Temática não muito abrangentes	Predominância de figuras de antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos com fácil reconhecimento visual e temático; cenas de caça, dança, cerimônias religiosas e cenas sexuais. Multiplicidade de temáticas; Dimensões verticais e horizontais variadas, de miniaturas a dimensões estendidas;
Estilos e Subtradições	Não há uma sistematização para subtradições e estilos bem delimitados	Inclui a Tradição Geométrica (grafismos em linha, círculos concêntricos, labirintos) e a Tradição Agreste (grafismos maiores, perspectiva estática, ausência de contorno preenchido). Tradição Nordeste: Subtradições: Salitre Várzea Grande (estilos Serra da Capivara, Serra Talhada e Serra Branca).
Existência de Geoglifos	Há presença marcante de geoglifos (figuras terrestres antropogênicas em grandes extensões), encontrados principalmente no estado do Acre.	Não há menção específica a geoglifos no estado do Piauí.

Gravações e Pinturas Corporais	Há registros históricos de pinturas corporais (ex: Mundurucus) e gravuras em rochas (cachoeiras, margens de rios). A prática xamânica é fortemente associada.	Forte presença de impressões naturalistas de mãos humanas (estilo Olho d'água).
Regiões de Ocorrência	Estados da região Norte do Brasil (Amazonas, Pará, Acre) e países vizinhos (Guiana, Venezuela, Guiana Francesa).	Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Paraíba, Piauí e norte de Minas Gerais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Não há uma diacronia entre os autores das gravuras e pinturas rupestres na Amazônia e no Piauí, mas sua importância como patrimônio cultural permitindo a construção e constituindo uma forma de memória coletiva, uma história a ser contada além das páginas escritas dos livros didáticos.

O desafio de analisar uma obra de arte não ocidental, a partir a partir de uma perspectiva ocidental pode acarretar uma série de problemas de interpretação, a interpretação sempre é subjetiva e está associada ao contexto do observador, gerando uma série de possibilidades (GUIDON, 1984 B). É possível comparar as experiências das pessoas do presente com as pessoas das sociedades pretéritas a partir de uma perspectiva Etnoarqueológica?⁷

É possível compreender os significados contidos nas pinturas rupestres além da perspectiva estética e/ou semiótica proposta por Layton (2001 a)? Quais são as principais explicações para os significados da arte rupestre produzida pelos grupos humanos do passado?

DISCUSSÃO

O estudo da arte rupestre, na região amazônica, possibilita compreender o modo de vida daquelas sociedades, suas principais representações imagéticas demonstram seu cotidiano, sua fauna, sua flora e suas relações sociais, sendo uma janela para o passado, assim permitindo sua apropriação no tempo presente, sendo um patrimônio cultural brasileiro para as comunidades locais.

Deste modo, a relação entre arte rupestre, sistemas simbólicos e identidade cultural pode ainda oferecer uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias de conservação e

⁷ A Etnoarqueologia é um segmento da Antropologia que tem por intuito o estudo das sociedades humanas pretéritas a partir de comparações de grupos humanos do período presente, tendo iniciado seus estudos no período de contato entre os europeus e indígenas no século XVI (DAVID; KRAMER, 2001).

valorização do patrimônio cultural, contribuindo para a resistência e resiliência dessas comunidades frente às ameaças externas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por finalidade um estudo comparativo entre arte rupestre amazônica e arte rupestre piauiense, no intuito de identificar as similaridades e as diferenças do ponto de vista estilístico, simbólico e cultural dessas manifestações rupestres.

Na região da Amazônia, a arte rupestre caracteriza-se por uma alta carga abstrativa, com grafismos de difícil reconhecimento, frequentemente destacando a face dos antropomorfos em detrimento do corpo. Além disso, a presença marcante de geoglifos, especialmente no estado do Acre, e a forte associação com práticas xamânicas e pinturas corporais (como as dos índios Mundurucus) evidenciam um sistema simbólico intrinsecamente ligado à relação com o meio ambiente e ao sobrenatural.

Enquanto, a arte rupestre no Piauí, inserida no contexto do Parque Nacional Serra da Capivara, apresenta-se de forma distinta. A Tradição Nordeste, predominante na região, destaca-se pela facilidade de reconhecimento visual e temático de seus grafismos, com cenas claras de caça, dança, rituais e interações sociais.

A divisão em estilos (como Serra da Capivara, Serra Talhada e Serra Branca) reflete não apenas uma evolução técnica e estilística ao longo do tempo, mas também as adaptações dos grupos humanos às mudanças climáticas da região.

Apesar das diferenças regionais, ambas as tradições rupestres compartilham o mesmo propósito fundamental: atuar como uma forma de memória coletiva, expressão e comunicação das sociedades que as produziram. O ato de registrar informações, seja através da abstração na Amazônia ou do naturalismo no Nordeste, demonstra o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de abstração dos grupos pré-históricos brasileiros.

Conclui-se, portanto, que a riqueza da arte rupestre no Brasil reside justamente em sua diversidade regional. O estudo de tais tradições não apenas amplia o conhecimento arqueológico sobre o passado pré-histórico do país, mas também reforça a necessidade de preservação e valorização desses sítios, reconhecendo-os como patrimônios culturais inestimáveis que narram a trajetória do homem em seu constante processo de adaptação e ressignificação do mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J.M.; PAGE, J. **Os primeiros americanos: em busca do maior mistério da arqueologia**. Trad. Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E.C. **Viagem ao Brasil (1865-1866)**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975.
- ARAÚJO, A.G; PESSIS, A.M et al. **Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí Brasil**. Fundação do Homem Americano. São Paulo: Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda, 1998.
- AZEVEDO, G. **A arte rupestre como expressão comunicativa da cultura**. Natal: Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte, 2010.
- BALDUS, H. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Editora Nacional. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- BALDUS, H. O xamanismo na aculturação de uma tribo tupi do Brasil Central. In: **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p.455-462.
- BATES, H.W. **Um naturalista no rio Amazonas**. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1979.
- BOAS, Franz. **Arte Primitiva**. Trad. Fabio Ribeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BUCCO, C. **Arqueologia do movimento: Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil**. 2012. 585 f. Tese (Doutorado em Quaternário, materiais e culturas). Escola de Ciências da Vida e Ambiente, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2012.
- CORREIA, Ana Clélia Barradas. **Nos passos do herói santo: na História, na arqueologia e na mística popular**. Recife, 1992. 120 f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.
- COUDREAU, H. **Viagem à Itaboca e ao Itacaúnas**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1980.
- COUDREAU, H. **Viagem ao Tapajós**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1977 A.
- COUDREAU, H. **Viagem ao Xingu**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1977 B.
- DAVID, N.; KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- FARIA, F.C.P. **Os astrônomos pré-históricos do Ingá**. São Paulo: IBRASA, 1987.

FAUSTO, C. **Os inimigos fiéis: História, Guerra e Xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

FRANCH, J.A. **El Arte Precolombiana**. Madrid: Grupo Amaya, 1991

GALDINO, L. **Itacoatiaras: Uma Pré-história da Arte no Brasil. Itacoatiaras: A Prehistory of Art in Brazil**. São Paulo: Top Rios Gráfica Ltda, 1988.

GUIDON, N. **L'art rupestre du Piauí dans le contexte sud-américain: une première proposition concernant méthodes et terminologie**. 1983. 684 f. Tese (Doutorado de estado). Universidade de Paris I, Paris, 1983 B, V.2.

GUIDON, N. A Arte Pré-histórica da área Arqueológica de São Raimundo Nonato: Síntese de dez anos de pesquisas. **Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife: EDUFPE, 1985 b, p.3-81.

GUIDON, N. **Peintures préhistoriques du Brésil: l'art rupestre du Piauí**. Paris: Editions Recherches sur les civilisations, 1991.

GUIDON, N.; LAGE, M.C.M. Piauí pré-histórico: história e cultura. In. **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. Raimundo Nonato Monteiro de Santana. Teresina: HALLEY S.A. Gráfica e Editora, 2003, p.205-214.

GUIDON, N., As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). IN: CUNHA, M.C. (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAUSER, A. **A arte e a sociedade**. Porto: Editorial Presença, 1984.

HETZEL, B; NEGREIROS et al. **Prehistory of Brazil**. Rio de Janeiro: Manati, 2007.

HUMBOLDT, A. V. **Del Orinoco al Amazonas**. Havana: Instituto Cubano del libro, 1971.

KOCH-GRUNBERG, T. **Petróglifos Sul-Americano**. Trad. João Batista Poça da Silva. Belem: Museu Paraense Emílio Goeldi. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010.

LAYTON, R. **Antropologia da Arte**. Tradução Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70, 2001 A.

LAYTON, R. **Introdução à Teoria em Antropologia**. Lisboa: Edições 70, 2001 B.

LEROI-GOUHRAN, A. **O gesto e a palavra: técnica e linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1964.

LEWIN, R. **Evolução Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999.

MAGALHÃES, G.C. de. **O selvagem**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP. 1975.

MARTIN, G. O estilo “Seridó” na arte rupestre do Rio Grande do Norte. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, UFMG, v.6-7, p.379-382, 1984.

MARTIN, G. **A Pré-História do Nordeste**. Pernambuco: Editora UFPE, 2008.

MARTIN, G. VIDAL, I.A. Dispersão e difusão das tradições rupestres no Nordeste do Brasil: vias de ida e volta?. **Revista Clio Arqueológica**. Recife: EDUFPE, volume 29, nº 2, p.17, 2014.

MARTINEZ, V.M.F. **Prehistoria: El largo camino de la humanidad**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2014.

MARTIUS, C.F. Von; SPIX, J.B. von. **Viagem pelo Brasil**. São Paulo: Edições Melhoramentos, vol. 2, 1979.

MARTIUS, C.F. Von; SPIX, J.B. von. **Viagem pelo Brasil**. São Paulo: Edições Melhoramentos, vol. 3, 1979.

MONZON, Susana. **Pinturas e Gravuras de São Raimundo Nonato, estado do Piauí. Missão Franco-brasileira**. São Paulo: Museu paulista, 1978.

NERI, F. J. de S. **O país das Amazonas**. Trad. Ana Mazur Spira. Apresentação Maio Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1979.

NETTO, C.X.A. **A arte rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação**. 2011, 195 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Instituto Brasileiro em Informação em Ciência e Tecnologia. . Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

OGEL-ROSS, L. A noção de Subtradição aplicada a um sítio de arte rupestre pré-histórica. **Caderno de Pesquisa 4: série antropológica III**. Teresina, Universidade Federal do Piauí, p.147-186, 1985.

OLIVEIRA B, J.C.L. **Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos sítios pré-ocionais da zona da mata mineira**. Dissertação (Mestrado em ecologia). Programa de Pós-graduação aplicada ao manejo e conservação de recursos naturais. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

OLIVEIRA, A. S. de N. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. 2007, 201 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007 a.

PEREIRA, E. **As gravuras e pinturas rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins: estado atual do conhecimento e perspectiva**. 1996. 145 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

PEREIRA, E. **Arte Rupestre na Amazônia**. Museu Paraense Emílio Goeldi. São Paulo: UNESP, 2003.

PEREIRA, E. **A arte rupestre de Monte Alegre Pará, Amazônia, Brasil**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.

PESSIS, A.M.. Art rupestre prehistorique: Premiers registres de la mise en scene. 1987, 502 f. Tese (Doutorado de Estado). Université de Paris X ,Nanterre, 1987.

PESSIS, A.M. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil. **Revista Clio Arqueológica**. Recife, EDUFPE, Vol.1, Nº 8, 1992, p.35-68.

PESSIS, A. M. Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). **Pré-história da terra Brasilis**. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1999, p.61-74.

PINKER, S. **Como a mente funciona**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. **Arte Pré-Histórica do Brasil**. Belo Horizonte: Arte. 2007 a.

RANZI, A.; AGUIAR, R. **Registro de Geoglifos na Região Amazônica – Brasil. Arqueologia da Amazônia Ocidental: Os Geoglifos do Acre**. Belém: EDUFPA. Rio Branco: Biblioteca da Floresta Marina Silva, 2008, p.45-56.

REIS, J.A. “Não pensa muito que dói”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ROOSEVELT, T. **Nas selvas do Brasil**. Trad. Luiz Guimarães Júnior. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1943.

SANTOS, J. de S.. **Estudos da tradição Itacoatiara na Paraíba: subtradição Ingá**. Campina Grande: Cópias & Papéis, 2015.

SCHAAN, D. **Arqueologia do Acre: do Pronapaba às pesquisas sobre Geoglifos. Arqueologia da Amazônia Ocidental: Os Geoglifos do Acre**. Belém: EDUFPA. Rio Branco: Biblioteca da Floresta Marina Silva, 2008, p.15-44.

SCHAAN, D. **Marajó: Arqueologia, Iconografia, História e Patrimônio – Textos selecionados**. Erechim: Habilis Editora, 2009.

SCHADEN, E. **A mitologia heroica de tribos indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura, 1959.

SCHADEN, E. **Aculturação indígena**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & cia ltda, 1969.

SCHMITZ, A. Indústrias líticas em contexto: o problema Humaitá na arqueologia sul brasileira. **Revista de Arqueologia. Sociedade Brasileira de Arqueologia**, volume 23, número 2, 2010, p.46-67.

SCHMITZ, P.I. La evolución de la cultura em el centro y nordeste de Brasil entre 14.000 y 4.000 años antes del presente. **Contribuciones a la Prehistoria de Brasil. Pesquisas: Antropologia**, nº 32, p.07-41, 1981.

SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO. M.B. **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis: Pinturas e Gravuras dos Abrigos**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ Unisinos, nº 11, 1997 A.

SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO, M.B. **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: As pinturas do projeto Serra Geral: Sudoeste da Bahia**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/ Unisinos, nº 12, 1997 B.

SCHÜLLER, R. A Nova Gazeta da Terra do Brasil. **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. XXXIII, 1915.

SCHULTZ, H. **Condenação e execução de médico-feiticeiro entre os índios Krahó**. In: **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976 B, p.212-224.

SCHULTZ, H. Notas sobre magia krahó. In: **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976 A, p. 199-211.

SILVA, F. A. Religião terena. In: **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p.268-276.

STRADELLI, E. **Lendas e notas de viagem a Amazônia**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SUASSUNA, A. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro. José Olympo Editora, 2012.

VALLE, R.B. **Mentes graníticas e mentes areníticas: fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional**. 660 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

WAGLEY, .C. Xamanismo tapiraré. In: **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p.236-267.

WALLACE, A. R. **Viagens pelo rio Amazonas e Negro**. Trad. Eugenio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1979.

WHITLEY, D. **Introduction to Rock Art Research**. Walnut Creek: Left Coast Press Inc,